

Sobre a recepção dos Cadernos Negros de Heidegger

Resumo

O artigo discute a recepção dos três primeiros *Schwarzen Hefte* (Cadernos negros) de Martin Heidegger, publicados no início de 2014. Passagens neles contidas apontariam para uma contaminação do pensamento do autor por uma espécie de antissemitismo filosófico, inscrito na história heideggeriana do Ser. Peter Trawny, responsável pelo estabelecimento das mais de 1200 páginas desses cadernos, teve papel importante nessa recepção, especialmente por ter tratado do assunto em primeira mão em seu livro *Heidegger und der Mythos der jüdischen Weltverschwörung*. Recebeu, por isso, diferenciada atenção deste artigo, que, em sentido mais amplo, inspira-se na noção aristotélica de *topos* – especialmente em sua acepção retórica – para explorar novas “topologias” do legado heideggeriano decorrentes das possíveis interpretações do conteúdo dos Cadernos negros.

Palavras-chave: Antissemitismo; Cadernos negros; Heidegger; Trawny e topologia.

Abstract

The article discusses the reception of the first three *Schwarzen Hefte* (Black notebooks) of Martin Heidegger, published in early 2014. Excerpts contained therein would point to the contamination of the author's thought by a sort of philosophical anti-Semitism, embedded in his history of Being. Peter Trawny, responsible for the establishment of the over 1200 pages of these notebooks, played an important role in the referred reception, especially for having dealt with the matter firsthand in his book *Heidegger und der Mythos der jüdischen Weltverschwörung*. This book received, so, special attention of this article, which, in the broadest sense, is inspired by the Aristotelian notion of *topos* – especially in its rhetorical sense – to critically map new “topologies” of Heidegger's legacy directly arising from possible interpretations the content of the Black notebooks.

Keywords: Anti-Semitism; Black notebooks; Heidegger; Trawny and topology.

* PUC-Rio.

1. Deslocamento

Começemos devagar, dada a delicadeza e a gravidade do assunto. Minha ideia inicial para o XIX Colóquio Heidegger, onde este trabalho foi inicialmente apresentado, era a de apresentar as linhas gerais e os primeiros resultados de uma pesquisa sobre a importância da noção aristotélica de *topos* na obra de Heidegger. Embora Aristóteles tenha sido lido e relido exaustivamente pelo autor de *Ser e Tempo*, desconheço momento das *Obras completas*¹ em que essa noção tenha recebido atenção mais detida e explícita, à altura da sua importância para um pensamento cujo eixo vai da “fenomenologia hermenêutica” à “topologia do Ser”.

O apelo tardio de Heidegger à “topologia” decerto não passa despercebido dos seus leitores, havendo, inclusive, ótimo livro em português chamado *A Topologia do Ser* (2008), escrito por Lígia Saramago. A autora atém-se preferencialmente aos aspectos “espaciais” da noção, mapeando-a desde o período da “ontologia fundamental” até a emergência da questão da linguagem na obra de Heidegger.

Minha atenção à noção de *topos* originou-se, contudo, de leituras da *Retórica* feitas com finalidades pedagógicas. *Topos* ganha ali a acepção de “lugar-comum discursivo” e, portanto, contornos hermenêuticos, obrigando a repensar a noção de *logos* em sua imbricação com as outras duas dimensões amplas da *pistis* aristotélica, aquelas do *pathos* e do *ethos*.

Identificada com a “capacidade de encontrar os meios de persuasão adequados a cada caso” (Aristóteles 1355 b12) – ou seja, a cada circunstância discursiva – a retórica lida necessariamente com a noção de *pistis*. Essa noção abrange desde as “provas” baseadas em *entimemas* até aquelas que remetem à reputação dos falantes, às disposições afetivas, às crenças, costumes e compreensões compartilhadas. A persuasão de que fala Aristóteles depende, em suma, da capacidade de se enxergar as linhas que compõem os diversos relevos ou topografias discursivas e, por aí, caminhos trilháveis e momentos favoráveis aos argumentos. Depende, em outras palavras, da competência do *Dasein* de situar-se no mundo em que se encontra já sempre lançado, buscando tornar-se tão convincente quanto possível.

Lê-se num texto já da década de 1960, chamando *Die Kunst und der Raum*, uma epígrafe de Heidegger ao livro IV da Física de Aristóteles: “o topos parece

1 *Gesamtausgabe*, Klostermann, Frankfurt A.M., doravante GA.

ser algo titânico e difícil de apreender”.² Mais difícil ainda, pode-se acrescentar, para um senso comum contemporâneo ainda tributário de concepções cartesianas de espaço e de concepções “logicistas” de argumentação. O que de todo modo ganha muita força após a leitura da *Retórica* é que a noção de *topos* não está presente só na *Física*. Encontra-se, na verdade, também na *Política*, na *Ética a Nicômaco* e, claro, no *Órganon*, onde chega a dar título aos *Tópicos*. Como seja, estudiosos da filosofia grega e do tema como Jacques Brunschwig³ chamam a atenção para a ausência de uma definição suficiente dessa noção por Aristóteles. Essa definição está apenas esboçada na *Retórica*, de todo ausente nos *Tópicos* e no livro Delta da *Metafísica* (livro das definições), sendo dada por evidente no *Tratado das Categorias*. Quem sabe, em paráfrase ao próprio Aristóteles, não poderíamos dizer que, como *o ente, topos* “se diz de vários modos”, ou seja, que todos pré-compreendemos o que significa *topos* ainda que não possamos explicitar-lhe um sentido focal.

Abreviando, a hipótese aqui esboçada é a de que embora Heidegger não tenha discutido tematicamente a noção de *topos*, ela está presente em toda a sua obra, tendo a ver com o relevo histórico-ontológico do mundo, ou seja, com as linhas de força que, já nele sempre presentes, condicionam em maior ou menor grau aquilo que pode ser compreendido, dito, feito e compartilhado de forma convincente.

Não é outro, enfim, o problema que envolve a recepção dos primeiros *Cadernos negros*,⁴ recepção que se organiza numa topologia a ser mapeada em suas principais linhas de força. O campo gravitacional dessa recepção é tão intenso que faz com que, neste momento, tudo mais que diga respeito a Heidegger pareça secundário, mesmo a pesquisa até aqui sumariamente relatada. Está em jogo, como possibilidade extrema, nada menos que a contaminação da obra do autor pelas declarações antissemitas presentes nessas publicações, o que tornaria continuar a seguir suas formidáveis pistas algo como andar por um terreno pantanoso, minado, radioativo – na ausência de metáforas mais decentes.

2 Heidegger: *Aus Erfahrung des Denkens*, GA13, p.203.

3 Cf. Brunschwig 2009, p.117.

4 Respectivamente GA 94, 95 e 96. Lê-se logo na primeira linha do Posfácio do editor (GA94, p.529) que a denominação “*Schwarzen Hefte*” foi definida pelo próprio Heidegger.

2. Precariedade

A ideia de discutir a recepção em epígrafe envolve, de todo modo, uma precariedade grande, a começar pelo fato de terem sido publicados até o momento da última revisão deste texto apenas três tomos de vários por vir.⁵ Um primeiro *topos* ou lugar-comum discursivo é o de que já as declarações constantes desses primeiros volumes, independente do que ainda possa vir à luz nos seguintes, seriam suficientes para confirmar – de uma vez por todas – que Heidegger foi um homem de crenças ignóbeis, ficando agora por discutir apenas se isso contaminaria toda a sua filosofia ou apenas parte dela. A tensão característica desta tópica é particularmente grande porque, definida a contaminação total, teríamos que nos haver com o assombro que essa obra produziu em nomes nada simplórios como Jacques Derrida, Hans-Georg Gadamer, Karl Löwith, Herbert Marcuse, Hannah Arendt, Michel Foucault, Bernard Stiegler, Philippe Lacoue-Labarthe, entre outros. Passaria esse assombro, a partir destas novas revelações, para a esfera do *equivoco*? E aquilo que desse assombro nasceu, resultaria também contaminado pela sombra do equivoco, ao menos a cada vez que remetesse à sua fonte? Que fazer com o espectro do legado filosófico heideggeriano? Haveria, enfim, metro para a distinção de limites de contaminação, outro que o exame crítico dos textos do autor? A insistência nesse exame, por sua vez, significaria já algum tipo de consentimento à disseminação da contaminação? Bem se vê, não são nada triviais as questões radicadas nessa primeira tópica.

Segundo nicho de precariedades: os três volumes publicados somam mais de 1200 páginas, escritas em estilo, léxico e gramática nada fáceis. Seu estudo cuidadoso demanda tempo e esforço dificilmente compatíveis com a disponibilidade imediata de professores de filosofia sobrecarregados de trabalhos, sobretudo de jornalistas às voltas com os padrões de produtividade que a contemporaneidade lhes impõe. O livro de Peter Trawny – pesquisador responsável pelo estabelecimento do texto original dos *Schwarzen Hefte* – oferece-se, por esse motivo, como referência obrigatória. E, não obstante *Heidgger und der Mythos der Jüdischen Weltverschwörung*⁶ constituir-se – como qualquer leitura – como *interpretação* desse legado, não é menos verdade que, dada a

5 Está prevista para os próximos anos a publicação de tomos das GA, referentes ao *Cadernos negros*, que montam ao número 102 (cf. GA 94, p.531).

6 Trawny: *Heidegger e o mito da conspiração mundial judaica*, ainda sem tradução para o português. Foi utilizada neste artigo a segunda edição publicada em abril de 2014 pela Editora Klostermann.

descrita circunstância, essa interpretação impôs-se como ponto de passagem de especial importância nessa primeira hora de discussões.

Seja como for, um novo lugar-comum ligado a esse segundo nicho de precariedades é o de que *as declarações antissemitas de Heidegger têm imperativamente de funcionar como epicentro hermenêutico dos cadernos*. Bom testemunho disso dá a recente tradução do livro de Trawny para o francês, com o título *Heidegger et l'Antisémitisme – sur les “Cahiers Noirs”*.⁷ Querendo ou não, é sobre essas declarações que a recepção dos *Schwarzen Hefte* tem exclusivamente se debruçado. Mesmo havendo algumas vozes a chamar atenção para o fato de que juntas elas não perfazem um por cento do total do que foi publicado, faz parte dessa mesma tópica a certeza de que o critério não pode aí jamais ser quantitativo. E poderia ser de outro modo, tendo em vista nossa história recente?

Terceira e última fonte de precariedades é a impossibilidade, não obstante as facilidades tecnológicas hoje ao alcance, de cobrir todo o universo de livros, artigos, ensaios, entrevistas e reportagens em torno da publicação aqui em discussão. Foi necessário trabalhar sobre base empírica incontornavelmente insuficiente, coisa de trinta referências em vários idiomas, colhidas entre os meses que precederam o lançamento do primeiros dos *Cadernos negros* e o final de setembro de 2014, véspera do XIX Colóquio Heidegger, tendo sido selecionadas citações de uma dúzia dessas fontes. Tal “amostragem” pode, de certo, contrariar aqueles a quem não agradarem os resultados dela extraídos. Mas, como o esforço aqui empreendido não visa tanto a conclusões, muito mais à busca do relevo discursivo gradativamente formado em torno do tema, pode mesmo ser que ela não se mostre tão magra. É muito possível, por outro lado, que esse posicionamento soe como espécie de relativização do problema do antissemitismo de Heidegger, pior, do antissemitismo em geral. Esse talvez seja mesmo um risco impossível de contornar. Posso apenas dizer que não só o antissemitismo – ou, mais amplamente, o racismo –, mas todas as posturas em qualquer medida pautadas pelo ódio me são muito pouco caras e motivo de grande aflição.

⁷ *Heidegger e o Antissemitismo – sobre os Cadernos negros*. Tradução para o francês de Julia Christ e Jean-Claude Monod, Éditions du Seuil, Paris, 2014.

3. Recepção

Razoável consenso é que boa parte da recepção aos *Cadernos negros* se faz atenta à antiguidade da querela em torno do nazismo de Heidegger e da posição desse autor em relação aos judeus. A discussão remete pelo menos a 1933, quando de sua filiação ao partido nacional-socialista alemão, senão a bem antes, no que concerne pontualmente ao antissemitismo, como se esforçou Victor Farias por provar no seu bem conhecido *Heidegger e o nazismo*, publicado pela primeira vez em 1987. A discussão ressurgiu de tempos em tempos – se é que chega em algum momento a ser esquecida – e experimentou de uma década para cá, precisamente desde 2005, um notável recrudescimento por força da publicação, por Emmanuel Faye, de *Heidegger: l'introduction du nazisme dans la philosophie*. Este último autor defende que não apenas o homem Heidegger era nazista e antissemita – como Farias o fez –, como também sua filosofia está irremediavelmente contaminada por essas deformações. Faye chegava a comparar *Sein und Zeit* com *Mein Kampf*, de Adolf Hitler,⁸ e a enxergar relação entre o comentário do filósofo⁹ a um verso do poema *Der Ister*, de Hölderlin, e a entrada em funcionamento dos fornos crematórios construídos para a “solução final”.¹⁰ A tensão gerada por esse livro chegou a originar réplicas de publicação conturbada, como a reunida sob o título *Heidegger à plus forte raison*,¹¹ assinada por nomes como François Fédiér, Massimo Amato, Françoise Dastur e Marcel Conche. Tal tensão faz ouvir seus ecos no atual cenário, como se pode perceber pela matéria do *Le Canard* de 17/09/2014, assinada por Frédéric Pagés logo após a publicação da já citada tradução francesa do livro de Trawny. Referindo-se a Heidegger o tablóide destacou: “Na Alemanha seu prestígio despencou após a publicação dos desastrosos ‘Cadernos Negros’, coalhados de alusões antissemitas. Mas, para seu fã clube francês, ele permanece ‘o maior filósofo do século XX’”. O título da matéria, “Cahiers que font Führer”, trocadilho com “Cadernos que fazem furor (*fulueur*)”, completa a ilustração.¹²

8 Cf. Faye 2005, p.12.

9 Cf. Heidegger, *Hölderlins Hymne “Der Ister”* (GA 53), referente a curso ministrado no semestre de verão de 1942.

10 Cf. Faye 2005, p.24.

11 Éd. Fayard, 2007.

12 <http://lecanardenchaine.fr/>, seção “Prises de Bec”: “En Allemagne sa cote est au plus bas après après la parution de désastreux ‘Cahiers Noirs’, parsemés de propos antisémites. Mais, pour son fan-club français il reste ‘le plus grand penseur du XXème siècle’”. Todas as traduções são minhas.

Mas, feita essa alusão à França como lugar intelectual onde a polêmica é particularmente intensa, vale insistir na persistência e no interesse suscitado pelo tema. Já antes da publicação dos *Cadernos negros*, em 07/12/2013, o escritor e jornalista Eric Aeschmann publicou no *Nouvel Observateur* matéria de título: “Cadernos negros: rumo a mais um caso Heidegger”.¹³ Também o *New York Times* enfatizava o problema em 30/03/2014, portanto logo após o lançamento dos livros, em matéria assinada pela editora do seu Book Reviews, Jennifer Schuessler. Lia-se: “Cadernos negros de Heidegger renovam foco no antissemitismo”.¹⁴ Thomas Assheuer, jornalista com formação filosófica, iniciava sua matéria de título “Legado envenenado”, para o *Die Zeit on line* de 21/03/2014, referindo-se a uma enigmática confidência feita por Heidegger a amigos, de que “havia ainda gatos a sair do saco”.¹⁵ De novo na França, o filósofo Anoush Ganjipour assinava em 17/09/2014 para o *Le Monde* o artigo “Heidegger, retomada das hostilidades”.¹⁶ Três dias mais tarde, para pôr fim a essas primeiras ilustrações da recepção, uma personalidade filosófica do porte de Barbara Cassin afirmava ao já referido *Nouvel Observateur*: “Nós todos sabíamos que Heidegger tinha sido nazista.” Simultaneamente remetia-nos ao problema do reconhecimento da importância filosófica da obra do nazista. Cassin prosseguia dizendo coisas como: “Heidegger nos fazia compreender os gregos e a importância da poesia para o pensamento”; ou: “mesmo para mim que sou judia, seu passado não era obstáculo, mas questão”; ou ainda, finalizando seu depoimento, “continuo a crer que Heidegger é um grandíssimo

13 <http://bibliobs.nouvelobs.com/culture/20131206.OBS8603/cahiers-noirs-vers-une-nouvelle-affaire-heidegger.html> : “Cahiers noirs’: vers une nouvelle affaire Heidegger” Seguiu-se ao título a chamada: “Les carnets inédits du philosophe apportent-ils la preuve de son antisémitisme? C’est en tout cas l’avis de Peter Trawny, le spécialiste qui prépare leur publication en Allemagne en mars prochain.” Tradução: “Os cadernos inéditos do filósofo trazem prova do seu antissemitismo? Esse é em todo caso a advertência de Peter Trawny, especialista que prepara sua publicação na Alemanha em março próximo.” É necessário, e não sem interesse, esclarecer que Peter Trawny, presente ao XIX Colóquio Heidegger, negou, nos debates posteriores a apresentação deste artigo, que tivesse antecipado publicamente o que quer que fosse a respeito dos *Schwarzen Hefte*.

14 http://www.nytimes.com/2014/03/31/books/heideggers-notebooks-renew-focus-on-anti-semitism.html?_r=0 : “Heidegger’s Notebooks Renew Focus on Anti-Semitism”.

15 <http://www.zeit.de/2014/12/heidegger-schwarze-hefte-veroeffentlicht> : “Vergiftete Erbe”. O trecho completo em alemão no qual está presente a passagem sobre o “saco de gatos” é: “Der habe die ‘Katze noch gar nicht aus dem Sack gelassen’, soll Martin Heidegger Freunden anvertraut haben, und seitdem durften die Philosophen rätseln.” Tradução: “Há ainda gatos que não deixaram o saco, Heidegger teria confiado a amigos, deixando desde então os filósofos intrigados.”

16 http://www.lemonde.fr/livres/article/2014/09/17/heidegger-reprise-des-hostilites_4489224_3260.html : “Heidegger, reprise des hostilités”

filósofo, ao mesmo tempo que um nazista ordinário – e que a filosofia tem que se haver com isso.”¹⁷

A questão é tão complicada e incômoda que já originou, mais uma vez na França, e sem inclusão de Cassin, a coletânea dirigida por Marie-Anne Lescourret (2014), de título *La dette e la distance – de quelques élèves et lecteurs juifs de Heidegger*.¹⁸ Assinam os artigos nomes importantes como Jeffrey Barash, Dieter Tomä e a própria organizadora.

Ainda outros autores, como o italiano Domenico Losurdo, em matéria para o *The Guardian* de 19/03/2014, e Jonathan Rée, no *Prospect Magazine* de 12/03/2014, seguiram linhas parecidas à de Cassin. A matéria assinada pelo primeiro e traduzida para o inglês por David Broder tem como título: “Os Cadernos negros de Heidegger não são assim tão surpreendentes” – e como *lead*: “Os acadêmicos já sabiam que o filósofo alemão era filiado ao nazismo. Mas isso não significa que nada possa ser aprendido a partir do seu pensamento.”¹⁹

Rée, no seu *Em Defesa de Heidegger*, onde “Heidegger” é mais uma metonímia que um nome próprio, diz:

Em primeiro lugar, é de conhecimento comum que, além de ser um membro do partido nazista durante muitos anos, Heidegger foi um antisemita. Não um antisemita violento, mas o tipo de antisemita cultural (DH Lawrence, TS Eliot, Ezra Pound) frequentemente encontrado na década de 1920 e 30, não só na Alemanha, mas em toda a Europa e América. Para completar, acho que ele era também um mulherengo e um porco chauvinista. A questão é se esses fatos são razão para evitar suas obras ou se podemos, de fato, lê-lo sem colocar nossa pureza política em perigo.”

17 <http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20140919.OBS9704/barbara-cassin-nous-savions-tous-que-heidegger-avait-ete-nazi.html> : “Nous savions tous que Heidegger avait été nazi.” [...] “Heidegger nous faisait comprendre les Grecs et l’importance de la poésie pour la pensée.” [...] “même pour moi qui suis juive, son passé ne faisait pas obstacle, mais question”. [...] “Je crois toujours que Heidegger est un très grand philosophe en même temps qu’un nazi ordinaire – la philosophie doit se débrouiller avec ça.”

18 *Dívida e distância – sobre alguns alunos e leitores judeus de Heidegger*, ainda sem tradução para o português.

19 <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/19/heidegger-german-philosopher-black-books-not-surprising-nazi> : “Heidegger’s black notebooks aren’t that surprising. Scholars already knew the German philosopher signed up to the Nazi party. But that doesn’t mean nothing can be learned from his thinking”.

E continua:

*Acho que aqueles que dizem que não devemos ler sua filosofia porque ele era antissemita mostram profunda ignorância sobre toda a tradição da escrita e da leitura filosófica. O ponto sobre a filosofia não é que ela ofereça uma antologia de opiniões que se adequa a nós, na qual possamos mergulhar em busca de exemplos do que se possa chamar de sentimentos edificantes. Filosofia é sobre aprender a estar ciente dos problemas em nosso próprio pensamento, onde possamos não ter suspeitas deles. Ela oferece aos seus leitores um campo de treinamento intelectual onde cada frase é um desafio a ser negociado com cuidado. Os maiores filósofos podem muito bem estar errados: o fato de reconhecê-los como grandes não implica em subordinação a eles, mas em desafiar-se a si mesmo para elaborar algo exatamente onde eles vão mal.*²⁰

Só que tais salvo-condutos para seguir lendo Heidegger dividem a cena com outras posições mais interrogativas, como a de Joshua Rothman, expressa na pergunta título da matéria do *New Yorker* de 28/4/2014: “Está Heidegger contaminado pelo nazismo?” O editor, é verdade, quase ao final da matéria concorda com Trawny que tudo deve ser trazido a público e, não obstante, que não se pode simplesmente repudiar o pensamento de Heidegger “jogando fora o bebê juntamente com a água do banho”.²¹

20 <http://www.prospectmagazine.co.uk/arts-and-books/in-defence-of-heidegger#.UyOOwMtOVhE> : In Defence of Heidegger – you do not have to admire a philosopher personally to admire his work. [...] “In the first place, it’s common knowledge that, as well as being a member of the Nazi party for many years, Heidegger was an anti-Semite. Not a violent one, but the sort of cultural anti-Semite (DH Lawrence, TS Eliot, Ezra Pound) often found in the 1920s and 30s, not only in Germany but throughout Europe and America. For good measure, I guess he was also a womaniser and a male chauvinist pig. The question is whether these facts are a reason for avoiding his works, or whether we can in fact read him without putting our political purity in danger. [...] “I think that those who say that because he was anti-Semitic we should not read his philosophy show a deep ignorance about the whole tradition of writing and reading philosophy. The point about philosophy is not that it offers an anthology of opinions congenial to us, which we can dip into to find illustrations of what you might call greeting card sentiments. Philosophy is about learning to be aware of problems in your own thinking where you might not have suspected them. It offers its readers an intellectual boot camp, where every sentence is a challenge, to be negotiated with care. The greatest philosophers may well be wrong: the point of recognising them as great is not to subordinate yourself to them, but to challenge yourself to work out exactly where they go wrong.”

21 <http://www.newyorker.com/books/page-turner/is-heidegger-contaminated-by-nazism>: “Is Heidegger Contaminated by Nazism?” A passagem traduzida no corpo da reportagem é: “In short: don’t throw the baby out with the bathwater.”

Há posições decerto mais incisivas em relação ao que fazer após a publicação dos cadernos, como se observa nas linhas finais do artigo de Richard Wollin para o *Jewish Review of Books*, de 17/06/2014: “Dadas as perturbadoras revelações contidas nos *Cadernos negros*, qualquer discussão do legado de Heidegger que subestime ou diminua a magnitude da sua loucura política se torna culpada, por extensão, de perpetuar a traição filosófica iniciada pelo próprio Mestre.”²² Resta saber o que isso há de significar para professores que, por exemplo, elejam *Ser e Tempo* como leitura filosófica em seus semestres letivos.

Enfim, ainda que haja quem pergunte, como Emanuel Faye em matéria do *Le Monde* de 25/09/2014, assinada por Nicolas Truong, se “uma obra pode manter o nome de filosofia, quando simplesmente se dá por princípio um racismo ontologizado?”²³ é possível dizer que, por mais contundente que possa ter sido até este momento a recepção geral dos *Cadernos negros*, percebe-se, ao menos à luz do recorte aqui feito, certo pudor em levar a tese da contaminação aos limites da censura ou da simples rejeição. Cabe, não obstante, seguir discutindo qual o tipo de lida possível, a partir de agora, com esse “legado envenenado”.

4. Topologia

Foi dito que a recepção dos cadernos teve como referência incontornável a interpretação feita por Peter Trawny em seu *Heidegger und der Mythos der jüdischen Weltverschwörung*. Essa interpretação detecta, por sua vez, desde suas primeiras páginas, “uma nova faceta, até agora desconhecida” do pensamento de Heidegger, a de “um antissemitismo que pode ser mais precisamente descrito como *histórico-ontológico, inscrito na história do Ser*.”²⁴ Três passagens que

22 <https://jewishreviewofbooks.com/articles/993/national-socialism-world-jewry-and-the-history-of-being-heideggers-black-notebooks/> : Given the disturbing revelations contained in the *Black Notebooks*, any discussion of Heidegger’s legacy that downplays or diminishes the extent of his political folly stands guilty, by extension, of perpetuating the philosophical betrayal initiated by the Master himself.”

23 http://www.lemonde.fr/idees/article/2014/09/25/heidegger-une-querelle-philosophique_4493763_3232.html: [...] “une oeuvre peut-elle garder le nom de philosophie, quand elle se donne ainsi pour principe un racisme ontologisé?”

24 Trawny *Mythos*, p.21: “Die Sicht auf Heidegger erhält eine neue, bisher unbekannte Facette: auf einem gewissen Abschnitt seines Weges öffnete der Philosoph sein Denken einem Antisemitismus, der genauer als *seinsgeschichtlicher Antisemitismus* bezeichnet werden kann”.

ilustram tipos avizinados dessa estranha forma de discriminação foram destacadas e detalhadamente comentadas no livro citado. Faz-se por isso necessário partir desses recortes para melhor discutir a extensão da contaminação produzida por esse “antissemitismo filosófico.”

Os limites deste artigo tornam, decerto, impossível uma leitura de mais fôlego dessas análises. A terceira das passagens foi escolhida como ponto de partida para fazer não exatamente o que pede Trawny – isto é, “refutar ou corrigir suas explicações”²⁵ –, mas para tentar descortinar a paisagem discursiva a partir delas constituída, indagando se não haveria outros caminhos hermenêuticos a explorar.

A eleição dessa passagem não é, na verdade, tão arbitrária como possa parecer. O autor se ocupa a partir dela de um outro encaminhamento interpretativo, tópica e decisivamente ligado aos demais, que é o de que Heidegger teria lido e se deixado influenciar pelos famigerados *Protocolos dos Sábios de Sião*.²⁶ Note-se que não se trata de mera junção de uma nova ideia ao conjunto das anteriores, mas de uma articulação de seminal importância para o conjunto interpretativo, a ponto do título original do livro fazer alusão ao “mito de uma conspiração mundial judaica.” (*der jüdischen Weltverschwörung*). Tampouco há de ser por acaso que já nos primeiros momentos do livro seguinte do mesmo autor, *Irrnisfuge*, ele diga desta mesma terceira passagem que “não se pode entendê-la senão como antisemita”.²⁷

Trata-se, enfim, de recorte que remete às outras evidências do antissemitismo onto-histórico analisadas pelo autor, quais sejam, as alusões a: 1) uma “temporária escalada de poder do judaísmo” como consequência da “racionalidade vazia” que caracteriza o fim da metafísica; 2) o “talento calculativo dos judeus”; 3) seu modo de vida pautado na observação de um princípio racial, de todo não muito diferente daquele radicalizado pelos nazistas; e 4) o parentesco do modo de vida judaico com o desenraizamento característico da era moderna.

Traduzo a passagem extraída por Trawny do terceiro dos *Schwarzen Hefte*:

Mesmo a ideia de um entendimento com a Inglaterra, no sentido de uma partilha dos “direitos” imperialistas, não toca a essência do processo

25 Trawny *Mythos*, p. 16.

26 http://luzdaconsciencia.com.br/apostilaspdf/protocolos_siao.pdf (trad. Gustavo Barroso). Obs: Há vários links disponíveis na Web.

27 Cf. Trawny *Inrrnisfuge*, p.17. “[...] kann nicht anders als antisemitisch verstanden werden.”.

*histórico que agora por fim joga a Inglaterra no seio do americanismo e do bolchevismo, e isso quer também igualmente dizer, do judaísmo mundial. A questão do papel do judaísmo mundial não é racial, mas a pergunta metafísica pelo modo de ser de uma humanidade que, simplesmente desprovida de todo laço, pode assumir como “tarefa” histórico-mundial o desenraizamento de todos os entes em relação ao Ser.*²⁸

A interpretação dessa passagem não é trivial, a começar pela ideia de *Weltjudentum*, traduzida, por exemplo, para o francês, não sem consequências retóricas, por “juiverie mondiale”.²⁹ É curioso que os tradutores usem preferencialmente a forma “judéité” para traduzir *Judentum* isoladamente, mas que prefiram “juiverie” quando o texto original se refere a um *Weltjudentum*. “Judaïsme”, palavra de uso igualmente corrente na língua francesa é deixada no mais das vezes de lado, estando presente nessa opção de tradução já um entendimento bastante definido das menções de Heidegger à “questão judaica”. O argumento principal é o de que o termo *Weltjudentum* era de uso claramente pejorativo à época na Alemanha e que Heidegger obviamente conhecia o poder depreciativo nele contido. Feito esse registro, aqui se opta pela tradução de *Weltjudentum* por “judaísmo mundial”, mais aberta a uma discussão aprofundada do fenômeno a que Heidegger afinal faz referência e, também, porque “judiaria mundial” seria impróprio em português em vários sentidos.

É preciso ainda registrar uma imprecisão importante na tradução francesa, que será certamente corrigida nas edições posteriores. O que lá se lê é que a Inglaterra acabava de ser jogada no seio do americanismo e do bolchevismo, *quer dizer, do judaísmo mundial*.³⁰ Fato é que o texto original *acrescenta* o judaísmo mundial (*zugleich auch das Weltjudentums*) ao caldo ideológico no qual a Inglaterra fora lançada, o que, como será discutido mais adiante, é bastante diferente de uma assimilação do americanismo e do bolchevismo ao judaísmo mundial.

28 Trawny *Mythos*, p.33, GA 96, p.96. “Auch der Gedanke einer Verständigung mit England im Sinne einer Verteilung der ‘Gerechtsamen’ der Imperialismen trifft nicht ins Wesen des geschichtlichen Vorgangs, den England jetzt innerhalb des Amerikanismus und der Bolschewismus und d.h. zugleich auch des Weltjudentums zu Ende spielt. Die Frage nach der Rolle des *Weltjudentums* ist keine rassische, sondern die metaphysische Frage nach der Art von Menschentümlichkeit, die *schlechtin ungebunden* die Entwurzeln alles Seienden aus dem Sein als weltgeschichtliche ‘Aufgabe’ übernehmen kann.”

29 Cf. “Avant propos de traducteurs”, trad. francesa por Julia Christ e Jean-Claude Monod, p.9-15 e 53. Também adotou o termo o tradutor de *Irrnisfuge*, Nicolas Weil.

30 Trawny, tradução francesa, op. cit., p.53: “[...] au sein de l’americanisme et du bolschevisme, c’est à dire de la juiverie mondiale”.

É enfim necessário, antes de sugerir alguma outra interpretação para essa e as outras passagens antissemitas, seguir Trawny nas razões aduzidas para ratificar a afirmação feita em momento anterior do seu livro, de que Heidegger *muito verossimilmente* estivesse fazendo referência nos *Cadernos negros* aos *Protocolos dos Sábios de Sião*.³¹ Ao final do comentário a essa passagem, depois de considerar muitas hipóteses e matizes interpretativos, a conclusão do autor é que, mesmo considerando a *ausência de fins* em curso na *história do Ser* da qual tomam parte judeus e nazistas, “isso não atenuaria a impressão de que nesse ponto há uma *influência* antissemita dos “Protocolos” sobre o pensamento de Heidegger.”³² Ora, na medida em que esses “protocolos” tratam, “secretamente”, de uma teoria conspiratória com atores e fins bem definidos – no caso judeus franco-maçons e gentios por eles mobilizados para a instauração de um futuro governo mundial –, fica no ar que tipo de *influência* poderiam ter sobre o pensamento de Heidegger.

A questão é de grande importância para a tese da contaminação. Grande parte do interesse pela filosofia de Heidegger posterior à “ontologia fundamental” vem do seu esforço de pensar os destinos do mundo contemporâneo sem simplificar a questão das linhas de força que o constituem, em outras palavras, sua inércia, topografia ou poder histórico-ontológico de viabilização e limitação dos projetos dos indivíduos e povos nele lançados.

Gregos, romanos, cristãos de todos os matizes, ingleses, americanos, eslavos, alemães e judeus, ocidentais e orientais, banqueiros e trabalhadores, imperialistas, capitalistas, humanistas, bolcheviques e nazistas, estariam todos afinal lançados num mundo que já encontram a cada momento dado e cujos desígnios encerram mistério a ser continuamente rememorado em sua profundidade, com todas as assombros, precariedades e riscos aí envolvidos.

Se essa síntese é minimamente aceitável, Heidegger – caso tivesse atribuído maior importância a *Os Protocolos dos Sábios de Sião* – somente poderia se concentrar na questão do “destino” no qual ideias de dominação com tal nível de assertividade pudessem ter a recepção que tiveram em vários países e não só na Alemanha. Diria, muito provavelmente, que apenas com o fim da metafísica e a instauração do niilismo, com a escalada da vontade de poder e o advento da maquinação tecnológica (*Machenschaft*), em suma, com o soterramento das

31 Cf. Trawny *Mythos*, p. 37. [...] weil Heidegger sich *sehr wahrscheinlich* auf sie bezieht. Grifo meu.

32 Cf. idem, p. 56. “[...] kann den Eindruck nicht abschwächen, dass es an diesem punkte einen antisemitischen *Einfluss* der ‘Protokolle’ auf Heideggers Denken gibt”. Grifo meu.

capacidades mais básicas de real interrogação, poderia encontrar acolhida entre os homens uma explicação tão simplória da política mundial.

Hannah Arendt, por exemplo, ao tentar, após o fim da II Guerra, *compreender* o cenário histórico mundial no qual se inseriu o *Shoah*, chegou a explicitar que “o que melhor exemplifica tanto a diferença como a relação entre o antissemitismo pré-totalitário e o totalitário é talvez a história dos *Protocolos dos Sábios de Sião*.”³³ Também o historiador e cientista político Jeffrey Herf, em seu recente livro *Inimigo Judeu*, retoma o desafio de Arendt para tentar explicar por que, levando em conta a longa história do antissemitismo, os “assassinatos em massa ocorreram entre 1941 e 1945 e não antes.”³⁴ Dizendo que “o estudo clássico de Hannah Arendt sobre o totalitarismo foi o primeiro, mais estrondoso e mais influente golpe a favor de uma abordagem séria da dimensão fanática da ideologia nazista”,³⁵ Herf buscou reconstruir o uso pela propaganda nazista da ideia de uma conspiração mundial judaica popularizada pelos *Protocolos dos Sábios de Sião* em circulação na Alemanha e em outras partes do mundo já nas décadas que precederam a ascensão dos nazistas ao poder. O investimento nessa ideia teria se intensificado após 1941, com a intenção de, configurando o judeu como sendo de todos o mais real e insidioso inimigo, facilitar a mobilização em direção à “solução final”.

Hannah Arendt refere-se aos *Protocolos* várias vezes em *As Origens do Totalitarismo*, não extamente para discutir sua polêmica origem,³⁶ mas o solo histórico sobre o qual se deu sua recepção. Perscrutava, com sua conhecida independência, a história de uma relação entre judeus e gentios que não fosse nem apologeticamente judaica, nem antissemita, e sim comprometida com a busca de uma compreensão capaz de ensinar-nos algo.³⁷ Tratava-se, acima de tudo, de buscar entendimento das condições de possibilidade de transformação de um antissemitismo no mais das vezes restrito à esfera do antagonismo

33 Arendt 2004, Prefácio de 1967 de *As Origens do Totalitarismo*, p.22.

34 Herf 2014, p. 47. A primeira edição original é de 2006.

35 Idem, p.363.

36 Há uma extensa crônica das tentativas de estabelecimento da verdadeira autoria dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, crônica que inclui não apenas o clássico de Norman Cohn: *Warrant for Genocide: The Myth of the Jewish World-Conspiracy*, de 1967, mas literatura recente, inclusive com repercussão na grande imprensa. A esse respeito ver o artigo do especialista Michael Hagemester: *The Protocols of the Elders of Zion: Between History and Fiction*, de 2008, disponível em http://ngc.dukejournals.org/content/35/1_103/83.full.pdf.

37 Cf. Arendt, op. cit., p.17-22.

social ou religioso em algo ideológico e com os contornos aterrorizantes perpetrados pelo nazismo. Tal contexto foi para ela marcado pela ruptura com o fio da tradição ocidental de pensamento político, pelo vácuo de legitimidade resultante dessa ruptura e, por fim, pelo advento do totalitarismo como forma nova de dominação. Os *Protocolos* tiveram para ela importância, em suma, principalmente como pista para a compreensão de um solo histórico semelhante tomado por tais ideologias de dominação total e pelo terror que lhe correspondeu.

Voltando a Heidegger, é sim plausível que ele não só conhecesse, como tivesse lido o panfleto, mas a ideia de que tivesse sido por ele *influenciado* é devastadora e, paradoxalmente, não tanto por questões morais ou políticas, mas porque isso transformaria o complexo pensamento da *Seinsgeschichte*³⁸ não apenas num mito – o que não constituiria um real problema – mas numa farsa ou engodo, mais claramente falando, numa espécie de trama de cem volumes. Seria como se, por trás de tudo, mesmo de um Ser que jamais se deixa capturar, Heidegger secretamente imaginasse judeus habilmente manipulando os destinos da humanidade, mais ou menos como nos ignóbeis cartazes postos em circulação³⁹ quando Goebbels se convenceu da adequação do uso dos *Protocolos dos Sábios de Sião* à derradeira fase da propaganda antisemita. Não é possível deixar de registrar que, à diferença de Hitler, o chefe da propaganda nazista duvidava da autenticidade desses “protocolos”.⁴⁰

A tópica da *influência* aventada por Trawny precisa, por tudo isso, ser muito mais profundamente discutida, sobretudo porque: 1) o abalo sísmico a ela ligado ameaça alterar decisivamente todo o relevo do legado heideggeriano; e 2) por não ser esse o único caminho interpretativo capaz de dar sentido às menções ao “judaísmo mundial” presentes nos *Cadernos negros*.

Registre-se, primeiro, que não há no que foi até aqui publicado referência explícita a esses “protocolos”. A tese de Trawny se fundamenta, além, claro, de paralelos interpretativos a discutir com a máxima seriedade em outras ocasiões, sobre o depoimento de Karl Jaspers em sua *Biografia Intelectual*, depoimento de que Heidegger, ao ser por ele indagado, teria feito alusão a

38 Muitos autores caracterizam o pensamento de Heidegger posterior ao período da *ontologia fundamental*, protagonizado por *Ser e tempo*, como pensamento da *história do Ser* (*Seinsgeschichte*), ainda que percebam modulações no modo como essa historicidade é trabalhada depois dessa viravolta (*Kehre*).

39 Cf. Herf, op.cit., p.209-224.

40 Cf. idem, p.277 e Goebbels s/d, p.352-354.

uma “perigosa associação internacional de judeus”.⁴¹ Mas, ainda que Trawny afirme mais adiante não haver motivo para pensar que Jaspers tivesse se enganado ou não se lembrasse com exatidão,⁴² e que possamos com ele concordar sobre a importância desse depoimento, fica por inquirir a que “perigosa associação de judeus” Heidegger estaria se referindo, e que nível de articulação ele atribuiria a essa “associação”, para que daí se pudesse afirmar que Heidegger teria em mente os “protocolos”.⁴³

A questão é que não há necessidade de inferir que Heidegger tenha sido influenciado pelos *Protocolos dos Sábios de Sião* para encaixá-lo em algum dos vários matizes de antissemitismo ou antijudaísmo encontrados na época; e que, por outro lado, a ideia de que ele pudesse encontrar sentido em tal ideia conspiratória transformaria a *Seinsgeschichte* numa piada de péssimo gosto. O problema é que Trawny, no seu compromisso com a transparência e a honestidade na lida com as passagens antissemitas de Heidegger, especula com possibilidades extremas, chegando a *perguntar* – retoricamente, que seja – se “a história do Ser não seria ela própria antissemita”⁴⁴

Que significaria dizer que a história do Ser é antissemita? Que os judeus nela figurariam essencialmente como inimigos dos que lutam pela superação do esquecimento do Ser? Quais judeus? Todos, inclusive os poloneses pobres que – ao que parece sem qualquer talento para o cálculo e apegados a seus lugares de moradia – pereceram em massa nos campos de concentração? Ou estaria esse antissemitismo voltado pontualmente contra um judaísmo influente, com real talento para o cálculo e a maquinação?

Note-se que os desdobramentos dessa última possibilidade – ao menos em sua “ilustração” dos *Protocolos* – supõem uma unidade tão diabólica quanto aquela da maquinação nazista, conquanto muito mais complexa em

41 Trawny *Mythos*, p.45. “Es gibt doch eine gefährliche internationale Verbindung der Juden”. Vale nesse ponto acusar terem os tradutores franceses acrescentado à remissão bibliográfica original que o capítulo sobre Heidegger escrito por Jaspers teria sido inicialmente suprimido do livro, a conselho daqueles que lhe eram próximos, e que somente depois das mortes do autor e de Heidegger teria aparecido uma edição ampliada com essa inclusão. A data precisa dessa inclusão não é todavia fornecida pelos tradutores. Cf. tradução francesa, p.70.

42 Idem, p.54. “[...] es gibt keinen Anlass zu meinen, Jaspers habe sich getäuscht oder mehr nicht erinnert”.

43 Para o leitor que possa estranhar a linha argumentativa aqui adotada, sobretudo dada a elasticidade da noção de “influência”, sugiro que cuidadosamente leia, ou releia, o que afinal propõem os *Protocolos*.

44 Idem, p.57. “[...] ist dann die Seinsgeschichte selbst nicht antisemitisch?”

sua delirante articulação. A confraria de judeus franco-maçons referida nos *Protocolos* acabaria, por esse caminho, elevada a uma categoria ôntica muito especial, com contornos de um demônio mítico capaz de comandar uma verdadeira legião de outros “inimigos do Ser” – num arco que vai do americanismo ao bolchevismo, incluindo mesmo o nazismo – todos a trabalhar pelo derradeiro “desenraizamento de todo ente”. Bem se vê, deixadas de lado as tópicas do plausível e do razoável, tão caras à boa retórica, resultam quase ilimitadas as possibilidades dessa especulação conspiratória, figurando entre elas mesmo a ideia de que Hitler pudesse ter sido “um aluno” – a precisar que tipo de “aluno” – dos tais “Sábios de Sião”.⁴⁵

Fato é que neste penhasco me detenho, decerto deixando sem tratamento mais detido outras questões espinhosas, como a que concerne àqueles que Heidegger imaginaria realmente envolvidos na luta contra o esquecimento do Ser. A julgar pelas críticas feitas nos *Cadernos negros* também ao nazismo e à situação de uma Alemanha a ele devotada, nos restaria pensar num “povo alemão” sem qualquer concretude, transformado, talvez, em língua, poesia e pensamento.

Veja-se, por exemplo, no primeiro dos *Schwarzen Hefte* – nas *Überlegungen und Winke III* –, frases como a que abre a nota 206, escrita presumivelmente em 1934: “O nacional socialismo é um *principio bárbaro*”.⁴⁶ Heidegger alerta nessa nota para um proselitismo incompatível com os caminhos do pensamento. Veja-se também as reflexões sobre “o povo” presentes logo adiante, na nota 209: “O povo! Aqui o decisivo – a que tudo deve pôr-se a serviço/ O povo – está bem – mas povo para quê? E por quê?”⁴⁷ Vale a pena ler, nesse mesmo sentido, as reflexões presentes na reconstituição do curso de 1934, por Günther Seubold (GA38), especialmente os parágrafos 13 a 15, onde as noções de povo, decisão e universidade são fortemente postas em questão. De volta aos *Cadernos negros*, agora ao seu segundo volume – as *Überlegungen X* –, portanto já em 1938, vale conferir a nota 46a, onde Heidegger afirma que:

45 Cf. Stein, Alexander: Adolf Hitler, Schüler der “Weisen von Zion”, Karlsbad, 1936. Esse autor teria sido o primeiro a analisar, por comparação filológica, a identidade ideológica entre os ensinamentos dos nazistas e aqueles dos “Sábios de Sião”. Cf. também Blank, R. M.: Adolf Hitler et les “Protocoles des sages de Sion”, Paris, 1938. Apud Arendt 2004, p.407, nota 41.

46 Heidegger GA 94, p.194: “Der Nationalsozialismus ist ein *barbarisches Prinzip*.”

47 Heidegger GA 94, p.195: “Das Volk! Hier ist das Entscheidende – dem alles zu Diensten sein soll./Das Volk – gut – aber wozu das Volk?/ Und *warum* das Volk? [...]”

Todo dogmatismo, seja ele político religioso ou político estatal, necessariamente considera todo pensar e agir que lhe sejam efetiva ou aparentemente divergentes como consonantes com o que para ele, o dogmatismo, é o inimigo, sejam os pagãos e ateus, sejam os judeus e comunistas. Nessa forma de pensar há uma força peculiar – não do pensar – mas da implementação do que é promulgado.⁴⁸

Outros exemplos da complexidade do conteúdo dos *Cadernos negros* podem ser encontrados nas linhas que vão de 1938 a 1941 (GA 96). Nas *Überlegungen XIII*, na longa nota 73, encontram-se comparações do bolchevismo – “no sentido do poder soviético despótico-proletário” (*im Sinne der despotisch-proletarischen Sowjetmacht*) – com outras formas de “socialismo” autoritário (*autoritäre “Sozialismus”*), como o fascismo e o nacional socialismo, todos produtos da consumação contemporânea do espírito moderno (*der Vollendung der Neuzeit*), devendo, esclarece ainda Heidegger valendo-se de um asterisco, ser o termo “socialismo” tomado na acepção de “organização político-militar-econômica das massas” (*politisch-militärisch-wirtschaftliche Organization der Massen*).⁴⁹

Por fim, nas *Überlegungen XV*, portanto já em 1941, chamo atenção para a frase: “Que é uma ‘tautologia’? Por exemplo, a expressão ‘propaganda mentirosa’”.⁵⁰ Curioso é que essa frase aparece aparentemente solta, entre uma discussão sobre a decadência do Ocidente e uma consideração curta sobre o “pensamento essencial”. Como tudo nos *Cadernos negros*, ela pede contextualização e não pode, *tout court*, ser entendida como sinal inequívoco de uma crítica de Heidegger aos meios de comunicação alemães dos anos 1940. Mas, também essa “curiosidade” fica aqui apenas como indicação para análises de mais fôlego. Cabe agora, cumprindo o que foi tratado, apenas a indicação de outros possíveis caminhos de enfrentamento das revelações contidas nos *Cadernos negros*, quer dizer, daquelas mais evidentes na recepção em discussão.

48 Heidegger GA95, p.325. “Jeder Dogmatismus, er sei kirchlich-politisch oder staatspolitisch, hält notwendig jedes von ihm scheinbar oder wirklich abweichende Denken und Tun für eine Zustimmung zu dem, was ihm, dem Dogmatismus, *der Feind* ist – seien das die Heiden und Gottlosen oder die Juden und Kommunisten. In dieser Denkweise liegt eine eigentümliche Stärke – nicht des Denkens – sondern der Durchsetzung des Verkündeten.

49 Cf. Heidegger GA 96, p.109

50 Idem, p.274 (essas reflexões não são numeradas como notas): “Was ist eine ‘Tautologie’? Z.B. das Wort ‘Lügenpropaganda’”.

5. Caminhos

O que sempre me cativou na forma de Heidegger pensar o atual estado planetário de coisas – e, acredito, não só a mim, mas a muitos dos seus leitores mais assíduos – foi o fato de não enxergar no seu pensamento um “eles” a quem se pudesse responsabilizar com exclusividade ou destaque pelos males do mundo.

A história do Ser teria a natureza de uma metanarrativa que visaria dar alguma inteligibilidade ao fato de vivermos hoje sob o império da tecnologia e de seus ditames. Mais importante ainda, o atual enquadramento técnico planetário *não deveria revestir-se de nenhum sentido demoníaco*, mas ser compreendido como *destino de um Ser* que pede para ser pensado em seus mistérios.⁵¹

Seguindo por esse caminho, portanto na direção oposta a do despenhadeiro há pouco desenhado, toda estrutura mundial de poder se organizaria à luz da maior ou menor consonância dos seus atores com os ditames de um mundo hegemonicamente técnico. Vários grupos de atores – agora com os *Cadernos negros* também judeus – ocupariam lugar de destaque nessa estrutura de poder apenas na medida em que se fizessem aptos às exigências de cálculo impostas por aquilo que no final dos anos 1940 Heidegger redefiniria como *Gestell*, enquadramento.⁵² Não se pense, obviamente, ao falar de cálculo, somente no trabalho com máquinas e números, mas num modo de lidar como as coisas do mundo, naturais e artificiais, aplicável a todos os homens contemporâneos e, especialmente, em se tratando de macroestruturas de poder, a políticos, financistas, publicitários, sacerdotes, cientistas e “técnicos” em sentido estrito, enfim, a todos aqueles particularmente capazes de dançar conforme a música desta época.

Se isto é minimamente plausível, qualquer forma de judaísmo que viesse a ter papel mais relevante nessa distribuição do poder mundial deveria ser entendida em sua inserção num momento histórico mundial a ser pensado em toda a sua complexidade, nunca em termos de simplificações conspiratórias, sobretudo desatentas às proporções de uma história do Ser que, a meu ver – e bem sei o quanto isso é motivo de controvérsia – *não se constitui* como apologia a gregos e alemães, mas como uma história trágica, repleta de dor e júbilo,

51 Cf. Heidegger 1977, *Gelassenheit*, p.22.

52 O termo comporta várias traduções. Cf. especialmente *Die Frage nach der Technik*, in Heidegger 1954 e Lyra, Edgar: *A atualidade da Gestell heideggeriana*, in Mac Dowell SJ, João (org): *Heidegger – a questão da verdade do Ser e sua incidência no conjunto do seu pensamento*, 2014.

na qual se conta a extinção de muitas espécies, humanas e não humanas, e cuja topologia mais recente eleva-se à dimensão das catástrofes planetárias.⁵³

Seria por aí possível acusar Heidegger de referir-se ao judaísmo mundial nos três primeiros *Cadernos negros* de forma leviana, estereotipada ou irresponsavelmente ambígua. Mas a natureza do seu gesto de ocultação temporária das reflexões agora vindas a público tem, de todo modo, que ser posta mais detidamente em questão. A tese da “aversão à publicidade”, assim como até hoje não foi suficiente para dar conta do seu silêncio em relação ao extermínio, tampouco pode bastar para explicar essa postergação. Não é despropositado perguntar: por que Heidegger não se valeu dessas conjecturas quando seria “tão oportuno” dá-las a conhecer? Por que, em contrapartida, destinou-as à publicação futura, em vez de simplesmente destruí-las?

Com tantas pontas soltas, chamo finalmente atenção para o fato de que a contenda topológica aqui travada não visa à absolvição de Heidegger – o que quer que isso possa significar – ou mesmo ao direito democrático de ler sua obra, ou sua parte eventualmente não contaminada, mas à necessidade de conseguir espaço para todo e qualquer pensamento capaz de colocar em questão as complexidades do nosso tempo. A alternativa hermenêutica aqui precária e preliminarmente elaborada tem, de todo modo, que ser exposta à radiação das muitas passagens de Heidegger que Trawny, como organizador dos três primeiros *Schwarzen Hefte*, pôde e teve até aqui de levar em conta, sem falar de possíveis outras por vir.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos

- Arendt, Hannah: *As origens do totalitarismo*, trad. Roberto Raposo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- Aristotle: *Art of rhetoric*, trans. J. H. Freese, bilingual, Massachusetts, Loeb Harvard Press, 2006. Tradução portuguesa Manuel Alexandre Junior, Biblioteca de Autores Clássicos. Lisboa, Imprensa Nacional, 2006.
- Brunschwig, Jacques: “Retórica e dialética, retórica e tópicos”, trad. Cláudio William Veloso. In Veloso, C.W (org): *Estudos e exercícios de Filosofia grega*, Rio de Janeiro, PUC/Loyola, 2009.

53 Uma das 3 epígrafes escolhidas por Trawny para *Irmissfuge* (p. 5) vem das *Überlegungen XI: Das Seyn selbst ist “tragische”*.

- Faye, Emmanuel: *Heidegger, l'introduction du nazisme dans la philosophie – autour des séminaires inédits de 1933/35*. Paris, Albin Michel, 2005.
- Fédier et al.: *Heidegger à plus forte raison*. Paris, Fayard, 2007.
- Goebbels, Joseph: *Diário 1942/43*, trad. Enéias Marzano. Rio de Janeiro, Editora A Noite, s/d.
- Hagemester, Michel: The protocols of the elders of Zion – between history and fiction. *New German Critique* 103, Vol. 35, No. 1, Spring 2008. Disponível em http://ngc.dukejournals.org/content/35/1_103/83.full.pdf.
- Heidegger, Martin: *Überlegungen II-VI – Schwarze Hefte 1931/38*. GA94. Frankfurt am Main, Klostermann, 2014.
- _____: *Überlegungen VII-XI – Schwarze Hefte 1938/39*. GA 95. Frankfurt am Main, Klostermann, 2014.
- _____: *Überlegungen XI-XV – Schwarze Hefte 1939/41*. GA 96. Frankfurt am Main, Klostermann, 2014.
- _____: *Aus der Erfahrung des Denkens – 1910/76*. GA 13. Frankfurt am Main, Klostermann, 1983.
- _____: *Vorträge und Aufsätze*. Tübingen, Günther Neske, 1954.
- _____: *Unterwegs zur Sprache*. Tübingen, Günther Neske, 1975.
- _____: *Gelassenheit*. Tübingen, Günther Neske, 1977.
- Hurf, Jeffrey: *Inimigo judeu – propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o holocausto*, trad. Walter Solon. Edipro, 2014.
- Lescourret, Marie-Anne (org.): *La dette et la distance – de quelques élèves et lecteurs juifs de Heidegger*. Paris, Éditions d'Éclat, 2014.
- Lyra, Edgar: A atualidade da *Gestell* heideggeriana, in Mac DOWELL SJ, João (org): *Heidegger – a questão da verdade do Ser e sua incidência no conjunto do seu pensamento*. Rio de Janeiro, Via Vêrita, 2014.
- Saramago, Lígia: *A topologia do Ser – lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. São Paulo, PUC/Loyola, 2008.
- Trawny, Peter: *Heidegger und der Mythos der jüdischen Weltverschwörung*. Frankfurt am Main, Klostermann, 2014. Tradução francesa: *Heidegger et l'antisémitisme – sur les “Cahiers noirs”*, por Julia Christ et Jean Claude Monod. Paris, Éditions du Seuil, 2014.
- _____: *Irnisfuge – Heideggers An-archie*. Berlin, Matthes&Seitz, 2014. Tradução francesa: *La liberté d'errer, avec Heidegger*, por Nicolas Weill. Paris, Éditions Indigène, 2014.

Matérias de jornais e revistas

- Aeschmann, Eric: “Cahiers noirs”: vers une nouvelle affaire Heidegger”. *Nouvel Observateur* de 07/12/2013, disponível em <http://bibliobs.nouvelobs.com/culture/20131206.OBS8603/cahiers-noirs-vers-une-nouvelle-affaire-heidegger.html>

- Assheuer, Thomas: “Vergiftete Erbe”. *Die Zeit on line* de 21/03/2014, disponível em <http://www.zeit.de/2014/12/heidegger-schwarze-hefte-veroeffentlich>
- Cassin, Barbara: “Nous savions tous que Heidegger avait été nazi”, entrevista a Eric Aeschmann. *Nouvel Observateur* de 20/09/2014, disponível em <http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20140919.OBS9704/barbara-cassin-nous-savions-tous-que-heidegger-avait-ete-nazi.html>
- Ganjipour, Anoush: “Heidegger, reprise des hostilités”. *Le Monde* de 17/09/2014, disponível em http://www.lemonde.fr/livres/article/2014/09/17/heidegger-reprise-des-hostilites_4489224_3260.html
- Losurdo, Domenico: “Heidegger’s black notebooks aren’t that surprising”, tradução para o inglês por David Broder. *The Guardian* de 19/03/2014, disponível em <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/19/heidegger-german-philosopher-black-books-not-surprising-nazi>
- Pagés, Frédéric: “‘Cahiers’ qui font Führer”. *Le Canard* de 17/09/2014, seção “Prises de Bec”. Cf. <http://lecanardenchaine.fr/> (o link direto para a matéria não se encontra disponível)
- Rée, Jonathan: “In Defence of Heidegger”. *Prospect Magazine* de 12/03/2014, disponível em <http://www.prospectmagazine.co.uk/arts-and-books/in-defence-of-heidegger#.UyOOwMtOVhE>
- Rothman, Joshua: “Is Heidegger contaminated by nazism?” *New Yorker* de 28/04/2014, disponível em <http://www.newyorker.com/books/page-turner/is-heidegger-contaminated-by-nazism>
- Schuessler, Jennifer: “Heidegger’s notebooks renew focus on anti-semitism”. *New York Times*, Book Reviews de 30/03/2014, disponível em http://www.nytimes.com/2014/03/31/books/heideggers-notebooks-renew-focus-on-anti-semitism.html?_r=0
- Truong, Nicolas: “Heidegger, une querelle philosophique”. *Le Monde* de 25/09/2014, disponível em http://www.lemonde.fr/idees/article/2014/09/25/heidegger-une-querelle-philosophique_4493763_3232.html
- Wollin, Richard: “National socialism, world jewry, and the history of being: Heidegger’s Black Notebooks”. *Jewish Review of Books*, de 17/06/2014, disponível em <https://jewishreviewofbooks.com/articles/993/national-socialism-world-jewry-and-the-history-of-being-heideggers-black-notebooks/>

Panfletos

- Apócrifo: *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, trad. Gustavo Barroso, disponível em http://luzdaconsciencia.com.br/apostilaspdf/protocolos_siao.pdf